

FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ - FACENE/RN

NIELLY DOS SANTOS NUNES

**A COMUNICAÇÃO ENTRE UM PROFISSIONAL ENFERMEIRO E UM PACIENTE
SURDO**

MOSSORÓ/RN

2016

NIELLY DOS SANTOS NUNES

**A COMUNICAÇÃO ENTRE UM PROFISSIONAL ENFERMEIRO E UM
PACIENTE SURDO**

Monografia apresentada no Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE) como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem

ORIENTADORA: PROFa. Me. Laura Amélia Fernandes Barreto

MOSSORÓ/RN

2016

**A COMUNICAÇÃO ENTRE UM PROFISSIONAL ENFERMEIRO E
UM PACIENTE SURDO**

Monografia apresentada pela aluna Nielly dos Santos Nunes do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), tendo obtido conceito de aprovado, conforme apreciação da banca examinadora.

Aprovado (a) em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Laura Amélia Fernandes Barreto

ORIENTADORA

Prof^a. Dra. Kalyane Kelly Duarte de Oliveira

MEMBRO

Prof. Me. Francisco de Acací Viana Neto

MEMBRO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado durante essa etapa da minha vida, permitindo que não desanimasse em nenhum momento mesmo que parecesse difícil e por mostra que sou capaz de realizar grandes sonhos.

Ao meus pais, Lucienene Bispo dos Santos e Antonio Carlos Nunes, que sempre me apoiaram e me encorajaram que desistir não é a melhor opção e que continuar a lutar é só mais um degrau que nos leva longe, agradeço ao esforço e ao trabalho duro que fez com que chegasse até aqui. Agradeço a minha irmã e ao meu cunhado, Carla Bispo Nunes e Marcelo Luciano Freire da Silva, que me fez companhia desde o início e sempre me dando animo para continuar. E agradeço a toda a minha família aos amigos, e aos novos amigos que ganhei quando cheguei aqui, que apesar das dificuldades sempre tentarão me ajudar da melhor forma possível.

Agradeço aos amigos que conquistei durante toda a graduação que em meio a altos e baixos, sempre me mostraram que é difícil quando se quer de verdade conseguir algo na vida, e tentei retribuir da mesma maneira para Arivaneide Andrade, Karliane Pereira, Josefina, Ana Célia, Nicole Silva, Rute Savio e Shislandia Silva.

Agradeço a todos os funcionários da instituição que proporcionaram o melhor ambiente possível desde os laboratórios, biblioteca até NAP NUPEA e agradeço ao corpo de professores que buscaram dar o melhor ensino teórico e prático, buscando novas formas de ensino para capacitar os melhores profissionais, possíveis, do mercado.

E não poderia faltar a minha querida orientadora Prof^a. Me. Laura Amélia Fernandes Barreto, pela paciência e esforço, obrigado por tirar o melhor de mim por mostrar que sou capaz de chegar longe e por ser um exemplo na minha vida de força, dedicação e de esforço, obrigada.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é avaliar a comunicação entre um enfermeiro e um paciente surdo. Os objetivos específicos são averiguar a formação acadêmica do enfermeiro quanto a LIBRAS; identificar a importância do conhecimento da Língua de Sinais pelos enfermeiros; investigar dificuldades e possibilidades de comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos. A presente pesquisa tratou-se de um estudo de cunho descritivo e exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa, sendo realizada no Hospital Regional Tarcísio Vasconcelos Maia, localizado no município de Mossoró, com uma amostra de 26 entrevistados. O instrumento de coleta de dados colhido deu-se através de um questionário disposto por perguntas abertas e fechadas, onde as perguntas fechadas tiveram como respostas SIM ou NÃO, visando coletar informações para a temática em questão. Tais dados serviram para obtenção dos dados quantitativos e qualitativos do estudo. Para análise das informações qualitativas, foi empregada o método da Análise de Conteúdo de Bardin e os dados quantitativos foram expressos em média e desvio padrão, bem como valores mínimos, máximos, frequência simples e porcentagem avaliados através do programa estatístico SPSS versão 22.0. A presente pesquisa foi efetuada de maneira rígida dentro das normas éticas e bioéticas referentes à pesquisa com seres humanos, de forma que é assegurada através da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466 de dezembro de 2012 e na resolução do COFEN nº 311/2007, aprovada pelo comitê FACENE/FAMENE sob protocolo CEP :93/2016 e CAAE: 58686416.0.0000.5179. No ambiente da saúde, o profissional responsável tem que ter uma relação estreita com as pessoas ao seu redor, pois um bom relacionamento é imprescindível para se realizar uma assistência de qualidade, cujas ações são baseadas nas informações transmitidas. Quando não eficaz, essas informações podem ser mal interpretadas, ocasionando equívoco no atendimento dispensado. O enfermeiro, por sua vez, tem como instrumento de trabalho o ser humano em condições debilitadas, o que já pode comprometer a comunicação, mesmo com pacientes ouvintes. Com pacientes surdos, o cuidado deve ser dobrado para que haja uma troca de informações eficaz, proporcionando segurança durante a assistência de enfermagem. Ao verificar as falas e resposta dos enfermeiros, percebemos que os profissionais de saúde já tiveram contato com paciente surdo e na maioria dos atendimentos, os enfermeiros necessitaram do auxílio da família do paciente para entender as queixas e para transmitir a mensagem para o indivíduo surdo. Os enfermeiros enfatizaram que a principal dificuldade é a comunicação adequada e em contraproposta enfatizaram que os enfermeiros precisam de uma disciplina e/ou especialização em LIBRAS, ainda na graduação, e quem não teve acesso a esse conhecimento durante a formação sente grande dificuldade quanto a receber e transmitir informações aos surdos, conseqüentemente, o atendimento não é satisfatório. Os cursos de graduação, atualmente, ofertam a disciplina de LIBRAS como optativa ou já inclusa na grade curricular de disciplinas obrigatórias e os acadêmicos de enfermagem, já que anteriormente não havia essa possibilidade, devem dar a devida importância, a fim de, no futuro, poder dialogar com os pacientes surdos e ofertar uma assistência de qualidade, transformando a consulta de enfermagem em mais segura para ambas as partes. Com relação aos resultados e a experiência dessa pesquisa, pode-se perceber que ainda é necessário que os profissionais de saúde procurem desenvolver o conhecimento quanto a LIBRAS, de maneira que incluam os surdos na competência da consulta de enfermagem.

DESCRITORES: Enfermagem; Surdez; Comunicação

ABSTRACT

The deaf presents levels of loss of natural sound perception increased or decreased so that the deafness affects different types of people and in varying degrees. The start natural language would be one that acquires normally in the family environment, but for some children there is the need for inclusion due to his condition that limits its interaction with other individuals, that are inserted into your living environment. In this sense, the professions who work directly with people, they need to communicate effectively. Among them, the nursing stands out due to the careful with each other. Therefore, it is important to understand the aspects that guide the communication between nurses and patients who somehow don't have the communicative functions inherent in the human being, in the case the deafness. The overall objective of this present study is to evaluate the communication between a nurse and a patient hearing. The specific objectives are to determine the male nurse's education as the pounds Identify the importance of knowledge of the language of Signs by nurses; Investigate problems and possibilities of communication between nurses and patients. The present research was a study of descriptive and exploratory nature with a quantitative and qualitative approach, being held at the Regional Hospital Tarcísio Vasconcelos Maia, located in the municipality of Mossoro, with a total population of 68 active nurses, sample, at first, would be the total number of the population, however due to nurses who were enjoying a vacation or medical certificate , who were already retired, in addition to those who refused to participate in the study, sampling totaled 26 respondents. The data collection instrument was picked through a questionnaire prepared for open and closed questions, where the close-ended questions have answers YES or no, in order to collect information for the subject in question. Such data were used to obtain quantitative and qualitative data of the study. For analysis of qualitative information, was used the method of content Analysis of Bardin and quantitative data were expressed as mean and standard deviation, as well as minimum values, simple frequency and maximum percentage assessed through the statistical program SPSS version 22.0. This research was done rigidly within the ethical and bioethical standards regarding research with human beings, so that is ensured through the resolution of the National Health Council (CNS) 466 December 2012 and COFEN resolution No. 311/2007. To check the lines and response of nurses, we realize that health care professionals have already had contact with deaf and in most patient care, nurses needed the help of the patient's family to understand complaints and to convey the message to the deaf individual. Nurses emphasized that the main difficulty is the proper communication and counterproposal emphasized that nurses need a discipline and/or specialization in POUNDS, still as an undergraduate, and who did not have access to this knowledge during training feels great difficulty as the receive and transmit information to the deaf, therefore, is not satisfactory. The undergraduate courses currently offer the discipline of pounds as elective or already included in the curriculum of mandatory courses and academics of nursing, since previously there was no such possibility, shall give due weight, in order to, in the future, be able to talk with deaf patients and offer a quality assistance, transforming the nursing consultation on safer for both parties.

Keywords: Nursing; Deafness; Communication

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Valores de frequência simples (%) dos enfermeiros com os pacientes surdos. 32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Já fez algum curso de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?.....	33
Gráfico 2: Já atendeu algum paciente surdo?	34
Gráfico 3: Precisou de intérprete ou de suporte de algum familiar/conhecido acompanhante para comunicar-se?.....	35
Gráfico 4: Você acredita que o paciente compreendeu todo o procedimento ao qual seria submetido?.....	36
Gráfico 5: Você conseguiu compreender as informações passadas pelo paciente surdo com sucesso?	36
Gráfico 6: Nesse momento, você conseguiria atender um paciente surdo sem auxílio de intérprete/conhecido acompanhante?	37
Gráfico 7: Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como optativa?.....	38
Gráfico 8: Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo?	38
Gráfico 9: O curso ou disciplina acerca de LIBRAS promoveu o conhecimento adequado para a comunicação?.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Contextualização	11
1.2 Justificativa	12
1.3 Problemática	12
1.4 Hipóteses	12
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos	13
3 REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 Língua, Linguagem e Fala	14
3.2 Inclusão de pessoas com dificuldades	16
3.2.1 Educação inclusiva	17
3.2.2 O surdo e a sociedade	19
3.3 A importância do conhecimento da Língua de Sinais pelos profissionais enfermeiros	22
3.3.1 LIBRAS e Enfermagem	22
3.4 A comunicação entre Enfermeiros e pacientes surdos	24
4 METODOLOGIA	27
4.1 Tipo de pesquisa	27
4.2 Local de Pesquisa	28
4.3 População e Amostra	28
4.4 Instrumentos de coleta de dados	28
4.5 Análise dos dados	29
4.6 Aspectos éticos	29
4.7 Financiamento	30
5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO	31
5.1 Análise quantitativa	31
5.1.1- Análise Sociodemográfico dos Enfermeiros Entrevistados.	31
5.1.2 - Informações referentes à comunicação dos enfermeiros com um paciente surdo.	31
5.1.3 Dados referentes a capacitação dos profissionais enfermeiros quanto ao estudo de LIBRAS	33
5.2 Análise qualitativa	40
5.2.1 O conhecimento acerca de LIBRAS pelos enfermeiros.	40
5.2.2 Dificuldades de comunicação entre o enfermeiros e pacientes surdos.....	42
5.2.3 - Possibilidades de comunicação entre Enfermeiros e pacientes surdos.	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45

REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	53
APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Dados Quantitativos e Qualitativo	55
ANEXO A – Certidão.....	58

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Segundo Nascimento, Fortes e Kessler (2015), a comunicação faz parte das necessidades humanas, tendo em vista como uma forma de transmitir mensagem, opiniões e expressar sentimentos. Dentre as formas de comunicação, destaca-se nesta pesquisa a audição, que tem um papel importante na percepção de onde se está inserido, no ambiente e no meio social. A falta dessa função, adquirida naturalmente pelo ser humano, pode causar dificuldades na comunicação oral e na transmissão de mensagens, de maneira que o indivíduo passe a utilizar formas alternativas para se comunicar, como imagens e/ou gestos.

O surdo apresenta níveis de perda da percepção natural do som aumentado ou diminuído. De maneira que a surdez afeta diferentes tipos de pessoas e em diversos graus. Surdez é uma dificuldade auditiva parcial ou total, podendo ser do tipo congênita ou adquirida onde o indivíduo não tem uma compreensão clara da fala através da audição. Por isso, de início a língua natural seria aquela que se adquire espontaneamente no ambiente familiar, mas para algumas crianças que apresentam essa dificuldade auditiva, há a necessidade de inclusão devido a sua condição que limita a sua interação com os demais indivíduos que estão inseridos em seu ambiente de convívio (BRASIL, 2006).

A pessoa com dificuldades de entender a língua oral apresenta um bloqueio físico ou sensorial que impede a interação de pessoa no ambiente social. Na atualidade, tem-se estudado formas de inclusão social para indivíduos que passam por esse tipo de dificuldade, principalmente porque essas pessoas estão propícias a sofrer preconceito e isolamento da sociedade devido a sua condição (DANTAS; et al, 2014).

Nesse sentido, as profissões que trabalham diretamente com pessoas, necessitam comunicar-se de forma efetiva. Dentre elas a enfermagem se destaca devido ao cuidado com o outro. Sendo assim, é importante perceber os aspectos que norteiam a comunicação entre enfermeiros e pacientes que não tenham prejudicado as funções comunicativas inerentes do ser humano, no caso a surdez.

1.2 Justificativa

O presente trabalho propõe-se a mostrar as principais dificuldades de comunicação entre os enfermeiros e pacientes surdos, além de abordar as formas encontradas por esses profissionais para conseguir transmitir a mensagem desejada ou se possui – ou possuíram – algum contato com a língua natural dos surdos, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Essa pesquisa justifica-se pela necessidade de comunicação do ser humano, independente dos obstáculos que possam surgir, de maneira que encontra novas formas de interação e comunicação, não só pela evolução tecnológica, mas principalmente pela intenção de interação com o outro. Dessa maneira, é importante que o enfermeiro entenda a mensagem transmitida pelo paciente, independente das circunstâncias. Nesse caso, o paciente surdo, por não usar a linguagem verbal e, por vezes, não entendê-la necessita de abordagens de comunicação diferenciadas para que haja o cuidado adequado. Dessa forma, procuramos entender como se dá a comunicação entre o paciente surdo e um enfermeiro, tanto no que se refere as possibilidades quanto as dificuldades. O tema foi escolhido com base na experiência vivenciada em campo de estágio, então houve a curiosidade de saber como um enfermeiro que tem uma experiência profissional maior do que a de um acadêmico em campo de estágio, lida com a comunicação com um paciente surdo.

1.3 Problemática

Como se dá a comunicação entre profissionais enfermeiros e pacientes surdos?

Quais os aspectos que dificultam essa comunicação?

1.4 Hipóteses

H0 - Não é possível a comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos, devido a falta de conhecimento acerca de LIBRAS por parte dos enfermeiros, necessitando de um tradutor – profissional ou familiar – para que a comunicação seja efetivada;

H1 - É possível a comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos, mesmo sem o conhecimento acerca de LIBRAS por parte dos enfermeiros, não necessitando de um tradutor – profissional ou familiar – para que a comunicação seja efetivada;

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Avaliar a comunicação entre o enfermeiro e o paciente surdo

2.2 Objetivos Específicos

- Averiguar a formação acadêmica do enfermeiro quanto a LIBRAS;
- Identificar a importância do conhecimento da Língua de Sinais pelos enfermeiros;
- Investigar dificuldade e possibilidades de comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos

3 REVISÃO DE LITERATURA

Vivenciamos várias mudanças no contexto social atual, dentre elas a inserção daqueles que, antes, eram tidos como incapazes. As deficiências ou necessidades especiais psíquicas, físicas e motoras são uma realidade e a inclusão tornou-se uma causa de luta e perseverança. Sendo assim, propomo-nos a estudar a comunicação existente entre enfermeiros e pacientes surdos, para isso é importante conhecer os aspectos que norteiam o contexto acerca da inclusão da LIBRAS no currículo de Enfermagem, da mesma maneira que a inclusão social dos surdos e a eficácia da comunicação entre eles e os enfermeiros, partindo dos pressupostos da linguagem.

3.1 Língua, Linguagem e Fala

Há uma confusão natural entre os conceitos referentes à língua e a linguagem. Sendo assim, buscamos a aceção para esses dois termos no dicionário Houaiss.

a) Língua é: 1. conjunto das palavras e das regras que as combinam, usadas por uma comunidade linguística como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito; 2. o idioma nacional.

b) Linguagem é: 1. o conjunto das palavras e dos métodos de combiná-las usado e compreendido por uma comunidade; 2. capacidade de expressão, esp. Verbal; 3. meio sistemático de expressão de ideias ou sentimentos com o uso de marcas, sinais ou gestos convencionados; 4. qualquer sistema de símbolos e sinais; código. *linguajar (HOUAISS, 2015, p. 464).

Por língua entende-se um conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto na associação paradigmática como na sintagmática. Por solidariedade objetiva-se dizer que um elemento depende do outro para ser formado. “A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 1975).

Para Ferdinand Saussure (1975) a linguagem é social e individual; psíquica; psicofisiológica e física. Portanto, a fusão de Língua e Fala. Para ele, a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O linguista afirma que “a língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem

e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p.116). Para o autor, Língua e Fala se relacionam no fato da Fala ser a condição de ocorrência da Língua.

No final da década de 1960, o linguista Roman Jakobson, criou os elementos de suportes de uma comunicação. O emissor, aquele que emite a mensagem; o receptor, aquele que recebe a mensagem; a mensagem; o código, como a mensagem foi encaminhada, devendo ser comum ao emissor e receptor; o canal, meio pelo qual se estabelece a comunicação e referente, o contexto em que a mensagem está inserida. Esses elementos deram origem às funções da linguagem, que segundo o linguista, são essenciais para a efetivação da comunicação. Uma mesma mensagem possui mais de uma função e, independente da mensagem e de como ela foi transmitida, possui uma significância (JAKOBSON, 2010).

A Função emotiva (ou expressiva) que expressa às emoções do emissor; a Função Referencial (ou conativa) que informa acerca de um fato e/ou evento; a Função Fática responsável pela identificação do entendimento da mensagem pelo receptor; a Função Poética que poetiza a linguagem; a Função Metalinguística que explica o código pelo próprio código; a Função Apelativa que tenta persuadir o receptor a comprar um produto ou ideia. (JAKOBSON, 2010).

A partir do momento que o ser humano, compreende a utilidade da linguagem, a insere em contextos que findará em formas de expressões, podendo, dependendo do receptor que receberá essa mensagem, tornar-se mais fácil ou complexa. Para cada circunstância e/ou receptor, há uma maneira adequada para a comunicação ser efetivada (COSTA, 2008).

Dessa maneira, a linguagem é inerente ao ser humano e, conseqüentemente, está relacionada às práticas sociais, sendo determinada pelo emissor que, por sua vez, interage com o receptor. É através dela que expressamos emoções, sentimentos e pensamentos. Na atualidade, devido às diversas transformações, a linguagem pode ser encontrada de duas maneiras: a primeira dá-se como capacidade humana de comunicar-se, pois se trata de uma necessidade intrínseca a sua espécie; a segunda consiste na manifestação de sinais, sejam eles gestuais, fisionômicos ou construídos (ROSENSTOCK-HUESSEY, 2002).

A linguagem gestual está cada vez mais comum devido à disseminação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. No entanto, engana-se aquele que pensa ser algo recente e/ou criado pelos surdos para promoverem a comunicação. O alfabeto e a linguagem gestual foi criada a partir da necessidade de comunicação, insinua-se que os códigos gestuais foram usados em nossa sociedade desde os primatas, que se comunicavam por meio de mímicas, isto antes da criação da linguagem verbal, evoluindo para as fogueiras de socorro, o Telegrafo

de Morse e as cores semaforicas que governam o trânsito (ROSENSTOCK-HUESSEY, 2002).

Sendo assim, as pessoas que nasceram ou adquiriram uma deficiência de comunicação que impediam, em um primeiro momento, a interação foram excluídas socialmente, devido à falta de entendimento da mensagem pelo receptor. Necessitaram, dessa maneira, adaptar-se a uma nova forma de interação. Isso foi possível através de estímulos visuais significam letras ou dos gestos simbólicos por eles criados e que permitem uma conversa quase tão rápida quanto à dos ouvintes e falantes. Essa inclusão social foi imprescindível para a inserção dos surdos às escolas, ao mercado de trabalho, aos cursos de nível superior e a sociedade como um todo.

3.2 Inclusão de pessoas com dificuldades

Ao pensarmos em relações sociais, devemos assimilar seus aspectos dinâmicos. As pessoas podem se aproximar ou afastar, produzindo os princípios de agregação ou desagregação onde damos o nome de processo social. No processo social podemos visualizar um aspecto inicial, que é o contato social. O contato social, por sua vez, é a fase primária da inter-estimulação e as modificações são os resultados chamados de interação, que podem ser caracterizados pelo contato de dois ou mais indivíduos, isto é, interação é a correlação de ações sociais. (LAKATOS; MARCONI, 2008)

Atualmente, é raro não se manter um contato entre indivíduos ou grupos, mas ainda se encontra algumas variações de isolamento. O isolamento social traz a falta de contato com o próximo ou entre pessoas. Alguns autores sociólogos como Park e Burgess (19??) indicam quatro tipos de isolamento social: *o espacial* que é quando ocorre à ausência de contato provocada por caráter geofísico, como montanhas, florestas vales, etc.; *o estrutural* que é formado por diferenças biológicas, por exemplo sexo, raça e idade, conferindo atividades diversificadas a homens e mulheres que acabam criando uma divergência de interesses; *o funcional* que ocorre por meio de características físicas, como cegueira, surdez, mudez, entre outras limitações, dificultando a comunicação e, por último, *o psíquico* onde é causado pela própria personalidade, como interesses, gostos, opiniões, temperamento e sentimentos entre pessoas proveniente da mesma cultura (LAKATOS; MARCONI, 2008).

Um bom exemplo de isolamento funcional é o caso da americana Helen Keller, ativista social e conhecida por ser a primeira pessoa surda e cega a conquistar um diploma de

bacharelado. Ela nasceu com a visão e audição normais, mas aos dezoito meses ela ficou cega e surda. Perto de completar sete anos de idade, Helen conheceu a professora que seus pais contrataram para ensiná-la, Anne Sullivan. Antes da chegada da educadora, Helen era uma criança que não falava e não entendia que as coisas e pessoas a sua volta tinham significado e nome, Anne assumiu a tarefa de ensinar Helen, até que um dia elas estavam no quintal bombeando água do poço e Helen sentia a água em uma das mãos e, na outra, a professora Anne soletrava a palavra, de repente Helen entendeu que era água e que tinha nome. Daí para frente Helen não parou mais e se tornou uma grande escritora, ministrou palestras em muitos lugares falando sobre suas dificuldades e de como conseguiu vencê-las, ela lutou pelo bem-estar das pessoas de condições parecidas ou iguais às dela (ROSENFELD, [20??]).

Sendo assim, o isolamento funcional propõe dificuldades na comunicação, dentre elas, buscaremos aportes teóricos, temáticos e práticos acerca da surdez. Descrever as dificuldades de pessoas surdas com a linguagem/comunicação escrita é uma perspectiva inovadora, apesar de o assunto ser remoto. Mas, apesar das inovações atuais, ainda se torna difícil a interação dos indivíduos surdos na sociedade, pois o conhecimento acerca da língua de sinais ainda é restrito, apesar dos mais variados meios de aprendizagem. Nos dias atuais, a maioria dos surdos são apontados como iletrados funcionais (GUARINELLO, 2007).

3.2.1 Educação inclusiva

A partir do momento que se percebe algum tipo de diferença e/ou limitação em pessoas (crianças, jovens ou adultos), elas são excluídas do seu meio de convívio social, por isso a educação inclusiva, em um primeiro momento, mostrava-se através de exclusão e isolamento. De forma que as pessoas com diferenças, seja física ou psicológica, eram evitadas ou isoladas do convívio social. Após as mudanças ocorridas durante o decorrer da história, a educação passou a ter um olhar que proporcionou a educação para todos, como um programa básico para o método educacional, de acordo com o proposto pela Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994 apud CAVALCANTI, 2014). A Declaração de Salamanca é um documento que visa aos princípios e práticas da educação especial. Na qual solicita que os Estados certifiquem-se que a educação de pessoas com dificuldades seja parte integrante do conjunto educacional (BRASIL, [19??]).

O caso exemplificado de Helen anteriormente, não apenas retrata um exemplo de isolamento funcional, mas também de inclusão, uma vez que, após ela ter acesso à educação, surgiram várias oportunidades, o que a levou a ser uma figura influente para a população

surda, tornando-a um exemplo de inclusão educacional e social. Com base nas diretrizes da legislação brasileira, o Conselho Nacional de Educação validou a resolução nº 02/2001 que deu início as diretrizes nacionais para que haja educação especial e inclusiva na educação básica, isto é, acesso, que antes era negado, a todas as pessoas que possuam alguma deficiência seja ela física, motora ou cognitiva (BRASIL, 2006).

Na educação, “inclusão” significa que o governo tem uma responsabilidade a cumprir com os indivíduos com deficiência, ou seja, as instituições de educação atuais passaram por uma reestruturação de forma produtiva, trazendo as adaptações necessárias (físicas e pedagógicas) para que haja inclusão e o bom desenvolvimento das tarefas realizadas por todos os alunos, sejam eles com ou sem deficiências (BRASIL, 2006).

Neste cenário insere-se a educação inclusiva de surdos, vista como um compromisso da educação especial, onde mostra que o especial da educação tem relação, exclusivamente, com a diferença linguística e sociocultural existente entre surdos e ouvintes (SKLIAR, 1999 apud LODI, 2013).

Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/2010), o número de surdos no Brasil chega a 344.206 casos. Cerca de 1.798.867 de pessoas declaram ter grande dificuldade permanente de ouvir, o que corresponde a uma população significativa de pessoas portadoras dessa deficiência e que conseqüentemente necessitam de atenções especiais (IBGE, 2010 apud TRECOSSI, ORTIGARA 2013, p. 2).

Em seu contexto, a surdez é uma dificuldade linguística e não uma deficiência, mas, para muitos, esse conceito é completamente diferente. Ainda hoje há quem pense na inutilidade do surdo, no entanto essa realidade foi desmistificada, em muitos aspectos, devido ao acesso e à educação. A surdez se mostra como um desafio linguístico para todos, para os pais e/ou responsáveis, assim como para os profissionais dos mais diversos âmbitos (LAMOGLIA, 2015).

Dessa maneira, é importante destacar os tipos de surdez. A surdez divide-se em duas: a congênita e a pré-verbal: a congênita é definida como uma deficiência que pode ser resultado do mau funcionamento do órgão que conduz a passagem do som. A maioria é causada por condições genéticas, mas também pode ser causada por uma infecção, como a rubéola se contraída durante o período crítico de desenvolvimento do órgão auditivo (MOORE; PERSAUD, 2008); a pré-verbal é uma forma de se aprender a linguagem através de gestos ou símbolos que possam ajudar no desenvolvimento da comunicação. Essa forma de

comunicação é bem comum na fase de formação da fala do bebê nos seus primeiros meses de vida (THAL AND TOBIAS, 1992, CRAIS et al., 2009, apud RODRIGUES, 2014).

Os indivíduos que escutam parecem utilizar sua linguagem de duas maneiras: a verbal e a não-verbal. No caso da surdez congênita e pré-verbal não há o desenvolvimento da linguagem verbal, mas não atrapalha as evoluções não verbais. A possibilidade linguística mostra-se como um dos principais motivadores da evolução do processo de desenvolvimento de uma criança surda em toda a sua competência, para que seja capaz de desempenhar sua função social e incluir-se efetivamente na sociedade. (BRASIL, 2006)

A linguagem permite ao indivíduo certa liberdade de pensamento onde se consegue traduzir e registrar sentimentos e condutas, além de poder se comunicar com outras pessoas, isso faz com que o homem seja introduzido a cultura, onde ele é capaz de realizar transformações inacreditáveis. Apesar da grande importância do raciocínio lógico-matemático e dos símbolos, a linguagem, tanto no aspecto verbal quanto por meio de comunicação não-verbal, perdura de forma ideal para se passar opiniões e sentimentos, além de transmitir conhecimentos. (BRASIL, 2006)

Perante o contexto educacional de hoje, especialmente com relação aos alunos surdos, a inclusão tem se mostrado um desafio, que vai além da ultrapassagem de obstáculos físicos e adaptações curriculares. Hoje os discursos relacionados à surdez trazem perguntas que simbolizam a necessidade de identificá-la como uma diferença a ser conhecida, especialmente, do ponto de vista das características de linguagem. (SCHEMBERG, GUARINELLO, MASSI, 2012)

3.2.2 O surdo e a sociedade

Segundo Chih (2013), os surdos eram discriminados e tratados como pessoas incapazes de aprender, mas, na França, Charles Michel de L'Épée criou um método onde as palavras eram associadas a imagens, assim as pessoas surdas conseguiam aprender a ler com facilidade e a ter acesso a cultura e educação, ele fundou a primeira escola para surdos. Já no Brasil, em 1857, o professor Hernest Huet fundou o Imperial Instituto para Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. Os surdos brasileiros passaram a ter acesso a uma escola especializada em surdos-mudos e tiveram a chance de criar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (CHIH, 2013).

O surdo é alguém que vivencia uma dificuldade ou a inexistência da audição, atrapalhando sua capacidade natural de aprender a língua oral usada por outras pessoas. Dessa

maneira, os surdos aprendem a se comunicar de forma cognitiva através de expressões comportamentais e culturais (BEHARES, 1998 apud KELMAN, 2011).

Para a maioria das pessoas, a surdez ou qualquer outra deficiência é concebida como uma ideia impenetrável ligado ao que é novo, isto é, uma hostilidade que nasce através de um pensamento inflexível e incorreto (ALLPORT, 1962, apud PEREGRINO, [20??]). Dessa forma, o surdo é marcado pela sua condição natural de audição, onde é destacada a falta da fala oral, pensando, erroneamente, como alguém incapaz profissionalmente, letrado e sem plena capacidade de suas faculdades mentais; uma pessoa incapaz de compreender tudo o que se passa a sua volta (MOREIRA, 1998, SKLIAR, 2010 apud ABREU, SILVA, ZUCHIWSCHI, 2015).

O preconceito é apenas mais um dos obstáculos enfrentados pelos surdos, todavia cada vez mais acontece o ingresso de alunos surdos na escola, que está, cada dia mais, qualificando-se para recebê-los e formá-los com o conhecimento necessário. As instituições educacionais inicialmente não estavam preparadas, no entanto, as adaptações necessárias foram feitas e, atualmente, o aluno-surdo pode escolher a profissão na qual deseja atuar (LAMOGLIA, 2015).

É comum que o aluno surdo chegue sozinho ao local em que irá estudar e se sinta solitário nos contatos e relações. [...]. No entanto, se este aluno não teve nenhum contato prévio com a faculdade e não houve providências no sentido de que pudesse ser apresentado aos professores e contar com a presença de um intérprete de LIBRAS, [...] (DAROQUE, PADILHA, 2012, pag.:43).

Normalmente ele próprio não informa que é surdo, tem receios; como novato, [...], fica quieto. Somente irão notar que existe um surdo se na sala existir um intérprete que comunique a presença do aluno[...]. Em geral os alunos que não contam com a presença de um intérprete em classe passam despercebidos pelos professores e colegas, e somente são reconhecidos quando necessitam se mostrar ou se comunicar. Caso contrário, eles ficam solitários e desconhecidos em sala de aula (DAROQUE, PADILHA, 2012, pag.:43 - 44).

Outro aspecto a ser considerado é a inclusão no mercado de trabalho. Visto como um meio de adquirir a independência financeira, sabendo que muitas empresas só contratam pessoas surdas para cumprir à cota requerida pela lei nº 8.213 de 25 de julho de 1991, que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de pessoas com necessidades especiais, e uma das dificuldades encontradas pelo contratado surdo seria a falta de comunicação adequada, devendo haver profissionais que tenha um conhecimento básico ou avançado de LIBRAS para que possa haver uma melhor fluência nas relações interpessoais e no cumprimento do serviço. Para isso, as empresas devem atentar

para as necessidades de um surdo, tratando-o de maneira igual, para que não haja nem um tipo de preconceito com relação às diferenças do profissional surdo para o profissional ouvinte, já que, com a capacitação certa e a preocupação da empresa com a inclusão, o surdo é capaz de exercer seu trabalho de forma apta e competente com uma produção igual ou maior do que a de um indivíduo ouvinte (CARVALHO, 2014).

A comunicação não pode ser o grande entrave do desenvolvimento cognitivo da criança, porque somente se isso for superado, principalmente com o contato com a língua materna dos surdos, teremos cidadãos conscientes, ativos e atuantes no mercado de trabalho e na sociedade (CARVALHO, 2014, pag. 7)

Passou-se a ter uma melhor interação na comunicação surda com o ouvinte atualmente, devido, principalmente, ao ingresso de surdos nas Universidades assim como ao número de cursos que passaram a adotar a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como disciplina acadêmica. Essa ideia de inclusão surda proporciona uma evolução na educação onde a sociedade tem mais respeito pelo que é diferente e, a partir dessa ideia, foram criadas leis que favorecessem na formação de discentes com capacidade de ensinar e de compreender a LIBRAS. A qualificação das escolas e a abertura do mercado de trabalho permitiu um grande número de ingressos nas Instituições de Ensino Superior, em busca de uma formação educacional completa e da qualificação profissional adequada (ZIESMANN, LEPKE, 2014).

Isso vem sendo possível através do decreto 5.626, implantado em 22 de dezembro de 2005, onde ele diz o seguinte no capítulo II

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

A dificuldade encontrada pelos profissionais que interagem com os surdos e dos surdos que tentam comunicar-se com as pessoas ao seu redor é a de explicar e interagir de maneira que o surdo compreenda o que se está tentando transmitir da forma mais clara possível. É necessário que haja um planejamento pedagógico que supra as necessidades de aprendizagem do aluno surdo. Para amenizar um pouco essa dificuldade na comunicação foi criado o AASI (aparelhos de amplificação sonora individual), todavia não significa dizer que se tem uma interação completa com um surdo, pois o uso desse aparelho ameniza as barreiras encontradas pelo surdo com o ouvinte e na capacidade de aprendizagem da linguagem oral, os surdos que apresentam uma condição leve ou moderada tem mais facilidade de aprender com AASI, já os que têm uma surdez severa ou profunda podem não ter a mesma facilidade de comunicação oral, pois não terão tanta facilidade em identificar os sons (BRASIL, 2006).

3.3 A importância do conhecimento da Língua de Sinais pelos profissionais enfermeiros

Na maioria das vezes, imagina-se que a língua de sinais é universal por ser transmitida através de gestos para demonstrar pensamentos e opiniões. É frequente se pensar que os surdos do mundo se comunicam com a mesma língua de sinais como se não houvesse diferença de país para país. No entanto, a LIBRAS não é universal porque não é sinalizada da mesma maneira, por exemplo nos Estados Unidos os surdos falam a língua americana de sinais e no Brasil é a língua brasileira de sinais é por causa dessa diferença que não é considerada universal para toda parte do mundo que faz uso da língua de sinais (GESSER, 2009).

Dessa maneira, levando-se em consideração a expansão do conhecimento e do uso da comunicação surda – LIBRAS – observa-se que é cada vez mais evidente a procura por profissionais que tenham experiência com a língua de sinais, que possam administrar aulas com sua língua nativa independentemente de serem surdos ou ouvintes, tornando-se de grande valia que um profissional fale não só a sua própria língua, mas também LIBRAS (LIANZA, 2015).

3.3.1 LIBRAS e Enfermagem

O currículo acadêmico de enfermagem, segundo as diretrizes do Ministério da Educação (MEC), é composto por disciplinas baseadas em: fundamentos da enfermagem onde se aborda conteúdos técnicos; História da Enfermagem, Bioética, Ética Profissional, Legislação,

Epidemiologia, Bioestatística, Informática, Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem e Metodologia da Pesquisa; Assistência de Enfermagem; Administração de Enfermagem e Ensino de Enfermagem (BRASIL, 2006).

Visando a uma nova roupagem e maior qualificação, o MEC determinou que LIBRAS deveria estar na grade curricular dos cursos de nível superior como optativa, como foi mencionado no decreto lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, sendo obrigatória, apenas, para os cursos de formação de professores e Fonoaudiologia segundo o decreto (BRASIL, 2002).

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002).

Mas de acordo com § 1º do decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005, discorre que o estudo de LIBRAS tornou-se obrigatória para todos os cursos de licenciatura, que informa sobre a inclusão de LIBRAS nas diferentes áreas do saber em cursos normais de nível médio, superior, pedagógico e de ensinos especiais que estejam aptos para o exercício do magistério (BRASIL, 2005). Dessa maneira, inclui-se também na grade curricular de enfermagem como disciplina interina e permanente, para promover a inclusão de pessoas surdas no meio acadêmico como forma de educação especial beneficiando não apenas os alunos surdos, mas também aos alunos ouvintes que trabalharão com uma clientela diversificada (ABREU, 2011).

De maneira geral, busca-se entender e ser entendido, o melhor possível pelo surdo, dessa forma o objetivo do enfermeiro é ter a melhor assistência de enfermagem possível em relação ao paciente, independentemente de sua deficiência. Se compararmos o atendimento do enfermeiro com um paciente que apresente outras dificuldades, tais como visão ou física, a auditiva é a que enfrenta mais obstáculos para de comunicação. Contudo, os profissionais de saúde que atuam na área da enfermagem devem estar atentos para uma possível interação com um paciente surdo prestando atenção em suas necessidades. Durante a coleta de dados de um paciente, a comunicação está em destaque, porém quando a comunicação não é completa faz com que os pacientes surdos tenham uma consulta de enfermagem incompleta e/ou com falhas, por isso se torna importante trabalhar a inclusão de LIBRAS no ensino acadêmico dos enfermeiros, a fim de ampliar não só o conhecimento, mas também a interação entre enfermeiros e pacientes (FERREIRA, HOLANDA, LINHARES, [20??]).

3.4 A comunicação entre Enfermeiros e pacientes surdos

A comunicação com o paciente é importante para o enfermeiro, pois tem que se certificar que o paciente está entendendo as etapas do procedimento a ser realizado. Em um paciente surdo, isso se torna mais complicado, pois o surdo se comunica através da língua de sinais, portanto cabe ao enfermeiro estar preparado ou pelo menos ter breve noção de LIBRAS (FERREIRA, HOLANDA, LINHARES, [20??])

A consulta de enfermagem é uma atividade realizada exclusivamente pelo enfermeiro, visando uma anamnese completa, procurando identificar os problemas e, com base neles, realizar um plano de cuidado que atenda as dificuldades encontradas no paciente. Para o enfermeiro ainda que essa consulta seja realizada com um paciente surdo através da interpretação dos parentes ou pessoas próximas não será a mesma coisa que realizar esta consulta com um paciente ouvinte (ARAÚJO, 2013).

LIBRAS é uma língua natural utilizada pelos surdos de forma visual e gestual diferente do utilizado pelas pessoas ouvintes que transmitem a mensagem através da fala e da audição. Quanto mais cedo à introdução de LIBRAS mais fácil e natural se torna para o surdo a comunicação por meio dos gestos (BRASIL, 2006).

A língua de sinais é uma forma de incluir a pessoa surda no ambiente social, com o intuito de aprender e de realizar um diálogo, onde possa expressar sentimento e pensamento onde o ouvinte possa entender com mais facilidade (FALCÃO, 2011 apud TRECOSI, ORTIGARA 2013). Dessa maneira, percebe-se uma grande dificuldade por parte dos enfermeiros devido a falta de conhecimento de LIBRAS dificultado a comunicação entre o paciente surdo e o profissional enfermeiro na hora da consulta (CHAVEIRO; BARBOSA; CELMO, 2008 apud TRECOSI, ORTIGARA 2013).

É muito importante que haja uma comunicação adequada entre o surdo e o ouvinte principalmente para o profissional enfermeiro onde se procura ter um atendimento humanizado para todos. A consulta de enfermagem acaba se tornando um desafio para o enfermeiro que não tem a capacitação adequada em LIBRAS de forma a atender o paciente surdo da melhor maneira possível (CHAVEIRO; BARBOSA, 2004 apud TRECOSI, ORTIGARA 2013). A maioria dos enfermeiros não sabe se comunicar com um surdo, mas alguns pacientes surdos fazem uso da leitura labial o que facilita o seu entendimento, porém não ajuda no entendimento do enfermeiro que não sabe falar LIBRAS. Dessa maneira, o enfermeiro deve tentar manter uma visão direta com o paciente surdo onde ele possa

visualizar os lábios do profissional e procurar não desviar o rosto para que haja uma compreensão efetiva das informações transmitidas (ARAÚJO, 2013).

A LIBRAS tornou-se necessária para se obter uma comunicação melhor com as pessoas ouvintes, devido a condição limitada do surdo no sentido de fala e comunicação, a partir dessa dificuldade criou-se um sistema de linguagem motora através de movimentos e gestos corporais. Sendo assim, LIBRAS não deve ser comparada ou confundida com mímica, pois a língua de sinais é uma forma estruturada e que contém regras para que se possa identificar palavras através dos gestos (WEIRICH, 2013).

No contexto atual a LIBRAS também vem sendo utilizadas pelas pessoas ouvintes, como, por exemplo, pelos profissionais da educação, visando facilitar a inclusão dos surdos no ambiente escolar sabendo que há um número maior de professores ouvintes do que surdos (FLORES, FINGER, 2014). Outro bom exemplo de interação de surdo e ouvinte é a questão do surdo ter pais ouvintes, onde a língua principal é a oral, sendo assim, na maioria das vezes, a criança ingressa na escola sem ter um conhecimento prévio da língua de sinais, mas mesmo não tendo uma comunicação igual à dos pais devido a sua condição eles adquirem uma habilidade gestual para comunicar-se com os pais ouvintes (FERNANDES, 2015).

O surdo apresenta uma dificuldade de comunicação devido a sua condição auditiva de maneira que se tem uma barreira entre um surdo e um ouvinte. Quando uma pessoa surda procura o serviço de saúde, encontra um empecilho devido à dificuldade de expressar o seu possível problema de saúde. Dessa forma, a inclusão de LIBRAS ao currículo do Curso de Enfermagem torna-se mais fácil para o enfermeiro, que tenha tido algum tipo de contato em sua formação com a língua de sinais, uma comunicação adequada (MAGRINI, SANTOS, 2014).

O enfermeiro exerce um contato direto com o paciente, antes, durante e depois de qualquer procedimento realizado. Sabendo disto, existe uma dificuldade em estabelecer um contato entre o enfermeiro e o paciente surdo, sabendo que, na maioria das vezes, o profissional enfermeiro não conhece a língua de sinais. Diante dessa realidade entre enfermeiro e paciente surdo destaca-se a devida importância de uma boa comunicação entre a equipe de enfermagem e o paciente surdo com o intuito fornecer a inclusão social aperfeiçoando a comunicação no conhecimento de LIBRAS (DANTAS, et al, 2014).

Um bom conhecimento de LIBRAS facilita a interação do profissional enfermeiro e o paciente surdo, viabilizando a assistência de enfermagem e desenvolve um vínculo de confiança entre ambos, possibilitando um melhor atendimento (TRECOSI, ORTIGARA, 2014). Como já se sabe a comunicação é um meio de se transmitir uma mensagem, sendo que

é uma ferramenta fundamental para realização de vários processos na área da saúde. Portanto para o enfermeiro a comunicação com um paciente surdo se tornou um obstáculo em que é necessário a substituição da comunicação verbal para uma interação verbal alternativa (CHAVEIRO, et al. 2010).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Pesquisa é um conjunto de ações onde se busca uma resposta sistêmica, crítica e organizada para questões propostas de maneira que se utilizam métodos científicos (ANDRADE, 2007). Para o pensador Gil (2009) a pesquisa é definida de maneira meticulosa para a produção do método científico, objetivando a resposta da problemática proposta pelo pesquisador por meio da técnica científica. Sendo assim, esse estudo trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem quantitativa e qualitativa.

A pesquisa descritiva é um método utilizado para especificar características de determinado objeto de estudo. São variados os tipos de estudos descritivos, uma delas é a pesquisa que estuda os atributos de um grupo como por disposição, por idade, sexo procedência, entre outros. Outra pesquisa relacionada é de averiguar o grau de atendimento dos órgãos públicos em determinada comunidade, o índice de violência, etc.; o objetivo de averiguar os princípios, atos e crenças. Também se encaixa nesse tipo de pesquisa aquelas que procuram dispor de relações variáveis, como por exemplo o nível de aproveitamento e ou escolar (GIL, 2009).

A pesquisa exploratória tem o objetivo de gerar, explicar e alterar opiniões e conceitos para a definição de problema de mais específicos para prováveis estudos subsequentes. Geralmente esse tipo de pesquisa resulta em levantamento bibliográfico e documental entrevistas não uniformizadas e estudos de caso. A pesquisa exploratória são produzidas com a meta de mostrar a visão geral a respeito de determinada circunstância (GIL, 2007).

O método quantitativo tem uma abordagem de quantificação, com relação à forma de coleta ou na forma de tratá-las através de cálculos estatísticos, das mais simples formas de cálculos as mais complexas. Este método tem por habilidade principal, a garantia de exatidão nos resultados, evitando possíveis erros interpretação, esta forma de pesquisa é geralmente utilizada com o estudo descritivo (RICHARDSON, 2010).

O método qualitativo é uma pesquisa com enfoque em características indutiva onde é formada pelas experiências vividas pelo pesquisado durante a coleta e a avaliação dos dados coletados. A metodologia qualitativa retrata formas de investigar fidedignamente na pesquisa relacionadas a sociedade e as ciências sociais, sem relacionar a pesquisa quantitativa (CRESWELL, 2014).

4.2 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Hospital Regional Tarcísio Vasconcelos Maia, localizado no município de Mossoró. O HRTM é um hospital geral de grande porte, referência para 87 municípios das regiões oeste e alto-oeste, tendo a função de atender casos de urgência e emergência pelo Sistema Único de Saúde - SUS. Por mês o Hospital Regional Tarcísio Vasconcelos Maia chega a realizar cerca de 120 cirurgias e 200 tomografias, além de inúmeros atendimentos.

4.3 População e Amostra

População é um conjunto de informações que contém certas características. Geralmente, o termo população é conhecido como o total de habitantes que ocupam o mesmo espaço físico (RICHARDSON, 2010).

Já amostra é um subconjunto da população de maneira que se buscam as características da população onde seria retirar uma pequena parcela de um todo para se estudar e retirar as informações necessárias (GIL, 2009). A população de profissionais de enfermagem no local de pesquisa é de 68 enfermeiros. Nossa amostra seria o valor total de nossa população, no entanto, depois da coleta do dados, muitos profissionais se recusaram a participar da pesquisa, assim como alguns estavam gozando de férias e outros já estavam aposentados. Nossa amostra totalizou 26 profissionais de enfermagem.

Os enfermeiros que fizeram parte do estudo se enquadraram nos seguintes critérios de inclusão: o enfermeiro deverá ser maior de 18 anos, ser funcionário do local da pesquisa, há mais de seis meses, estar esclarecido quanto à pesquisa e ter assim assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Os critérios de exclusão foram os enfermeiros que exercer funções administrativas, estar de férias ou licença no período da coleta de dados.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados deu-se através de um questionário composto por perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE B), onde as perguntas fechadas tiveram como respostas SIM ou NÃO, visando a coletar informações para a temática em questão. Tal instrumento serviu para obtenção dos dados quantitativos e qualitativos do estudo.

Segundo Marconi e Lakatos (2010) o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenadas de perguntas, que devem ser respondidas por escrito pelo participante da pesquisa, no qual geralmente essas perguntas são respondidas sem a presença do pesquisador. O questionário foi dado ao recebedor, que depois de preenchido e respondido, foi devolvido para o pesquisador do mesmo modo.

Os enfermeiros responderam as perguntas feitas pela pesquisadora relacionadas as experiências de atendimento a pacientes surdos e a língua utilizada para uma comunicação efetiva.

4.5 Análise dos dados

Os dados foram expressos em média e desvio padrão, bem como valores mínimos, máximos, frequência simples e porcentagem avaliados através do programa estatístico SPSS versão 22.0. Os resultados foram expostos por meio de quadros e tabela.

Na etapa qualitativa, as respostas dos enfermeiros foram decolpadas, de acordo com o questionário e, posteriormente, o pesquisador associado transcreveu as respostas para o computador e logo depois extraiu as informações significativas e relevantes para o estudo. Para análise das informações qualitativas, foi empregada o método da Análise de Conteúdo de Bardin, ou seja, uma técnica de pesquisa fundamentada na descrição objetiva, sistemática e qualitativa, permitindo que o analista infira sobre dados de um determinado contexto. Assim, a análise de conteúdo consiste em explicar as ideias das mensagens ou expressão destas, onde o analista criou categorias para analisar as falas em questão dos sujeitos participantes da pesquisa, visando buscar a resolutividade do problema, almejando a fundamentação na sua interpretação final (BARDIN, 2010).

4.6 Aspectos éticos

A presente pesquisa foi efetuada de maneira rígida dentro das normas éticas e bioéticas referentes à pesquisa com seres humanos, de forma que é assegurada através da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466 de dezembro de 2012, que determina a importância da aprovação pelo comitê de ética e da assinatura do TCLE pelos referentes participantes da pesquisa, onde a partir disto, a pesquisa pôde iniciar (BRASIL, 2012).

A Resolução do COFEN nº 311/2007, aprovada pelo comitê FACENE/FAMENE sob protocolo CEP :93/2016 e CAAE: 58686416.0.0000.5179 que reformula o código de

ética dos profissionais de enfermagem, onde é descrita a importância da suspensão da pesquisa na possível existência de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa que se encontra no contexto da pesquisa (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2007). Também foi feita de acordo com o protocolo institucional, de maneira que o estudo deverá ser aprovado no CEP da FACENE.

Foi informado aos participantes que o referido estudo poderia apresentar risco de caráter mínimo, como constrangimento ao responder os questionamentos, porém, os benefícios superaram os malefícios. A contribuição que os enfermeiros concederam para o estudo foi de grande valia, visto que a comunicação entre enfermeiro e paciente é determinante para um bom atendimento tanto das queixas quanto do tratamento. Sendo assim, essa pesquisa contribuiu nos quesitos relacionados à comunicação com os paciente surdos, a fim de manter uma interação adequada e satisfatória.

4.7 Financiamento

Todos os gastos produzidos durante a construção desta pesquisa foram de incumbência da pesquisadora afiliada. A Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE - se encarregou pela disposição do orientador e banca examinadora juntamente com a disposição do acervo da biblioteca para utilização de referências, computadores e subsequente.

5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa serão analisados e discutidos as informações passadas pelos enfermeiros quanto a sua experiência com pacientes surdos, buscando entender como era efetuada a comunicação entre ele e como ocorria essa comunicação, quando não se tem o conhecimento básico de LIBRAS.

5.1 Análise quantitativa

Nesta fase da pesquisa, serão abordado os dados sociodemográficos da amostra, também serão analisados as respostas transmitidas pelos enfermeiros entrevistados do Hospital Regional Tarcísio de Vasconcelo Maia acerca da comunicação com o paciente surdo e sobre o conhecimento acerca de LIBRAS. A nossa amostra era composta por 68 enfermeiros, mas devido a imprevistos, como profissionais que estavam de atestado, gozando de férias e até mesmo alguns que já estavam aposentados, consideramos também as entrevistas que não puderam ser realizada devido a recusa de alguns profissionais, resultando numa amostra de 26 entrevistados.

5.1.1- Análise Sociodemográfico dos Enfermeiros Entrevistados.

Foram realizadas 26 entrevistas com os enfermeiros do Hospital Regional Tarcísio de Vasconcelo Maia, com o intuito de averiguar as experiências dos profissionais de saúde com pacientes surdos e qual seria o nível de informações dos mesmos acerca da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, esses tinham entre 28 e 58 anos de idade, a maioria dos enfermeiros são do sexo feminino, e o tempo de trabalho é superior a dez anos de serviços prestados na maioria dos profissionais.

5.1.2 - Informações referentes à comunicação dos enfermeiros com um paciente surdo.

A tabela I mostra a perspectiva de como o enfermeiro trabalha com um surdo em seu ambiente de trabalho. Onde, cerca de 84,62% dos entrevistados já atenderam, em algum momento, um paciente surdo. Cerca de 61,54% já precisaram de ajuda de intérprete e/ou familiar para interpretar o que o paciente estava tentando transmitir e vice-versa, mas, 96,15% dos entrevistados relataram que não fizeram nenhum tipo de curso de LIBRAS e apenas 7,69%

dos enfermeiros confirmaram que tiveram o curso de LIBRAS como optativa na graduação. Onde demonstra a forma como os surdos são abordados pelos enfermeiros, quando necessitam do serviço de saúde.

Tabela 1 - Valores de frequência simples (%) dos enfermeiros com os pacientes surdos.

QUESTÕES	Sim n (%)	Não n (%)	Resp. Ausentes n (%)
1. Já fez algum curso de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?	01 (3,85)	25 (96,15)	0 (0,0)
2. Já atendeu algum paciente surdo?	22 (84,62)	04 (15,38)	0 (0,0)
3. Precisou de intérprete ou de suporte de algum familiar/conhecido acompanhante para comunicar-se?	16 (61,54)	08 (30,77)	02 (7,69)
4. Você acredita que o paciente compreendeu todo o procedimento ao qual seria submetido?	10 (38,46)	11 (42,31)	05 (19,23)
5. Você conseguiu compreender as informações passadas pelo paciente surdo com sucesso?	05 (19,23)	16 (61,54)	05 (19,23)
6. Nesse momento, você conseguiria atender um paciente surdo sem auxílio de intérprete/conhecido acompanhante?	04 (15,38)	18 (69,23)	04 (15,38)
7. Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como optativa?	02 (7,69)	23 (88,46)	01 (3,85)
8. Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo?	0 (0,0)	26 (100,0)	0 (0,0)
9. O curso ou disciplina acerca de LIBRAS promoveu o conhecimento adequado para a comunicação?	04 (15,38)	07 (26,92)	15 (57,69)

No campo da saúde é muito importante saber comunicar-se com os variados tipos de pessoas. Se não houver uma interação sucinta entre os profissionais e os usuários pode aparecer conflitos que podem gerar mau estar ou até mesmo interferir no tratamento do paciente. Isso ocorre porque o profissional de saúde trabalha com as relações humanas, seja com a equipe ou com o usuário. Por isso, deve-se levar em consideração a comunicação adequada uns com os outros (SILVA, 2015).

A comunicação através da Língua Brasileira de Sinais é uma forma de língua usada por uma população específica, mas se for bem estudada pode-se tornar uma ponte direta na comunicação entre um ouvinte e um surdo, pois tem características linguísticas como qualquer outra língua natural da humanidade. É necessário que as pessoas ouvintes tenham a noção de que os gestos não anulam a existência de uma língua natural, mesmo que esse modo gestu-visual pareça tão diferente (GESSER, 2009).

5.1.3 Dados referentes a capacitação dos profissionais enfermeiros quanto ao estudo de LIBRAS

O gráfico 1 mostra a disposição das respostas referentes ao curso de Língua Brasileira de Sinais realizado ou não pelos profissionais enfermeiros entrevistados. Dessa forma, 96,15% dos enfermeiros não fizeram curso de LIBRAS e, apenas, 3,85% realizaram ou pagaram uma disciplina que correspondi a língua de sinais.

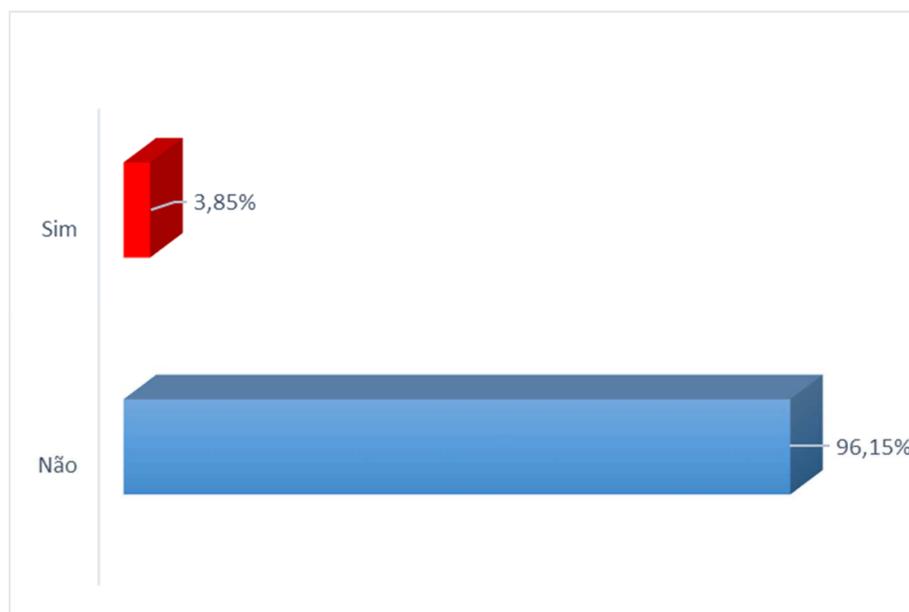


Gráfico 1: Já fez algum curso de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

As pessoas que apresentam algum nível de surdez são caracterizadas por condições linguísticas ou biológicas, devido a essas condições os surdos passam por dificuldades na transmissão de informações, onde não se consegue transmitir a informação adequada (SILVA, SILVA, 2016). Nesse sentido, os enfermeiros, em sua maioria, não conseguem transmitir e

receber as informações de pacientes surdos, justamente, por não compreenderem os gestos realizados.

Koch (2008, p. 23, *grifo do autor*) afirma que “toda atividade linguística seria composta por: um *enunciado*, produzido com dada *intenção* (próposito), sob certas *condições* necessárias para o atingimento do objetivo visado e as *consequências* decorrentes da realização do objetivo”. Dessa maneira, a intenção de um paciente, independente de sua condição comunicativa, ao chegar em um estabelecimento de saúde é que sua dor e/ou doença seja aliviada/resolvida. Mas, quando as condições comunicativas não conseguem ser alcançadas, haverá, de certa maneira, como consequência, déficit no atendimento e na resolutividade de suas queixas.

Partindo desse princípio, é importante saber se os enfermeiros – mesmo aqueles que não têm conhecimento da língua de sinais – já atenderam paciente surdos. O gráfico 2 mostra que 84,62% dos entrevistados admitiram que já atenderam pacientes surdos.

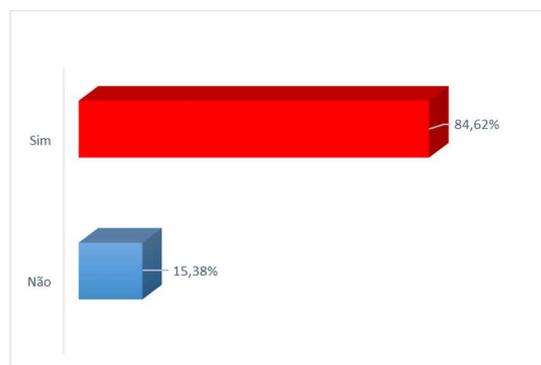


Gráfico 2: Já atendeu algum paciente surdo?

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

No entanto, o gráfico 3 ressalva que cerca de 66,67% dos enfermeiros necessitaram de algum tipo de intérprete para auxiliar na compreensão das queixas relatadas pelo paciente.

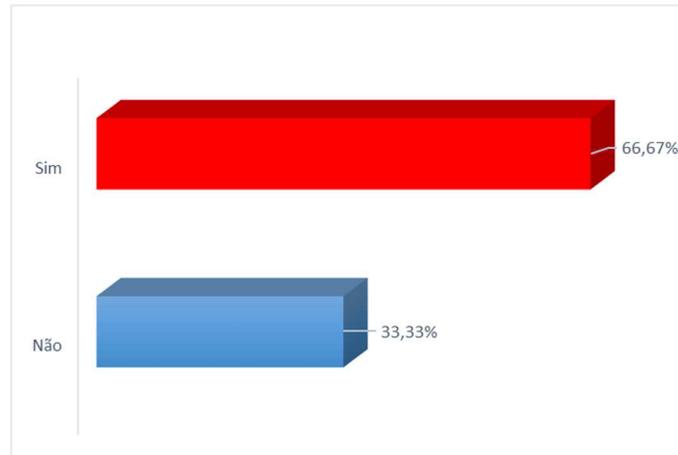


Gráfico 3: Preciso de intérprete ou de suporte de algum familiar/conhecido acompanhante para comunicar-se?
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

O enfermeiro lida diariamente com vários tipos de paciente e com diversos casos de doenças, emergência e urgência, porém, na maioria dos casos, a comunicação não é falha, isto é, o profissional comunica-se com facilidade, desde, é claro, que o paciente não esteja inconsciente ou impossibilitado de fala. O paciente surdo, por sua vez, necessita de uma comunicação diferenciada, por isso o enfermeiro deve ser eficiente na prestação do serviço ao paciente e, para isso, necessita compreender as informações transmitidas pelo cliente (ARAÚJO, et al, 2015).

A comunicação do surdo é dada através da língua de sinais – LIBRAS, um método gesto-visual que auxilia na transmissão da mensagem, sendo o elo comunicativo entre assistência e paciente. Nesses casos, o conhecimento quanto a LIBRAS pelos enfermeiros é uma excelente ferramenta comunicativa que auxilia a assistência, promovendo saúde do paciente surdo (BRITTO, SAMPERIZ, 2010).

Os gráficos 4, 5 e 6 trazem os valores referentes a compreensão do paciente surdo quanto as informações passadas pelos enfermeiro e se a abordagem do enfermeiro foi transmitida com fidedignidade. Como uma grande maioria de profissionais enfermeiros já atenderam pacientes surdos, é importante questionar acerca da assistência oferecida. O gráfico 4 mostra que 52,38% dos entrevistados acreditam que os pacientes surdos não compreenderam/compreendiam adequadamente as informações que foram transmitidas, no entanto 47,62% dos enfermeiros afirmaram que a assistência foi bem-sucedida.

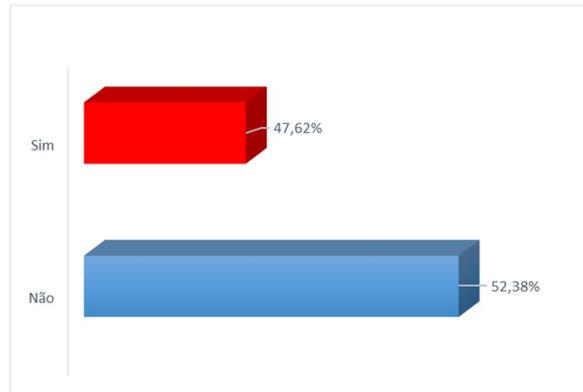


Gráfico 4: Você acredita que o paciente compreendeu todo o procedimento ao qual seria submetido?
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

No gráfico 5, os Enfermeiros justificaram que o atendimento inadequado promovido aos pacientes surdos, na verdade, foi devido a falta de entendimento e efetivação na comunicação. Cerca de 76,19% também não compreendiam as informações/queixas/sintomas/sinais sentidos pelo paciente e, nem mesmo, as preocupações mostradas pela fisionomia.

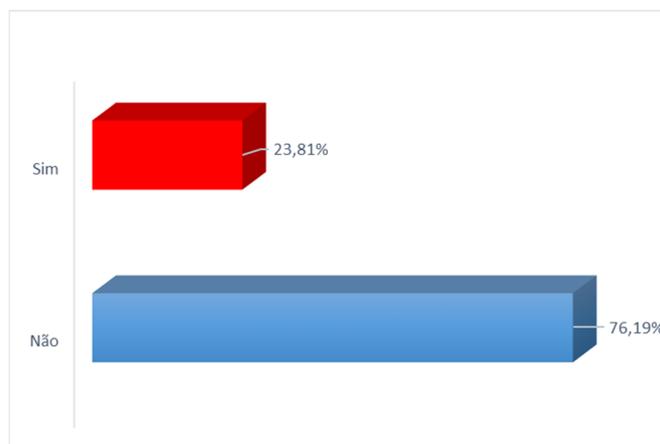


Gráfico 5: Você conseguiu compreender as informações passadas pelo paciente surdo com sucesso?
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Já no Gráfico 6, os valores descritos são referentes à compreensão do paciente surdo quanto as informações passadas pelos enfermeiros ao abordarem as questões da saúde do paciente e/ou dos procedimentos que iriam e foram realizados. Nesse gráfico, 81,82% dos profissionais enfermeiros entrevistados não saberiam atender um paciente surdo sem o auxílio de um intérprete.

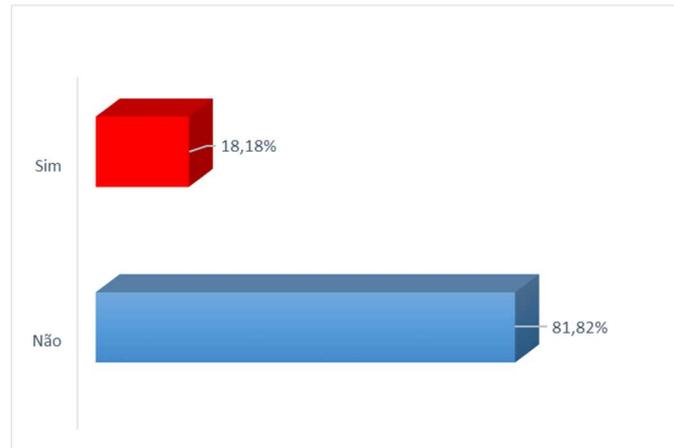


Gráfico 6: Nesse momento, você conseguiria atender um paciente surdo sem auxílio de intérprete/conhecido acompanhante?

Fonte: Pesquisa de Campo (2016)

No ambiente da saúde, o profissional responsável tem que ter uma relação estreita com as pessoas ao seu redor, pois um bom relacionamento é imprescindível para se realizar uma assistência de qualidade, cujas ações são baseadas nas informações transmitidas. Quando não eficaz, essas informações podem ser mal interpretadas, ocasionando equívoco no atendimento dispensado. O enfermeiro, por sua vez, tem como instrumento de trabalho o ser humano em condições debilitadas, o que já pode comprometer a comunicação, mesmo com pacientes ouvintes. Com pacientes surdos, o cuidado deve ser redobrado para que haja uma troca de informações eficaz, proporcionando segurança durante a assistência de enfermagem (CHAVEIRO, et al, 2010).

Para o enfermeiro, atender um paciente surdo, é algo fora dos padrões da normalidade, pois, na maioria das vezes, aqueles que são cuidados pelo profissional são pacientes ouvintes que transmitem sons, possibilitando uma comunicação íntegra. Já com paciente surdo, torna-se algo fora da rotina esperada, e, com a falta do conhecimento da língua de sinais, dificulta o trabalho e o atendimento ao paciente. Na maioria das vezes, o profissional necessita de intérprete, seja especializado ou algum familiar presente, pois os enfermeiros, assim como muitos outros profissionais, não têm o conhecimento suficiente e/ou necessário de LIBRAS (CHAVEIRO et al, 2010).

Os gráfico 7, 8 e 9 mostram como está sendo ofertado, nos cursos de Graduação, a disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e, se, de alguma forma, a disciplina facilitou posteriormente na abordagem a paciente surdos. O gráfico 7 informa que 92% dos enfermeiros não possuiu nenhuma disciplina acerca de LIBRAS, nem mesmo como uma disciplina Optativa, isto é, aquela não inserida na grade curricular do curso, mas disponibilizada para que o aluno, se interessado, possa cursar ou não.

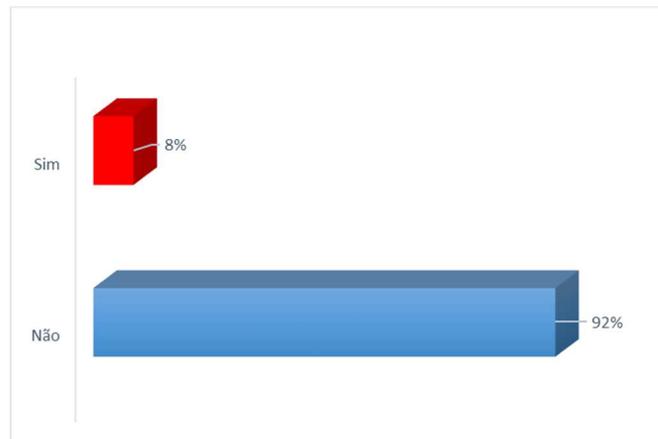


Gráfico 7: Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como optativa?
Fonte: Pesquisa de Campo (2016)

O gráfico 8, por sua vez, indica que 100% dos enfermeiros não possuíam a disciplina de LIBRAS como obrigatória, isto é, como parte da matriz curricular do curso de Graduação em Enfermagem.

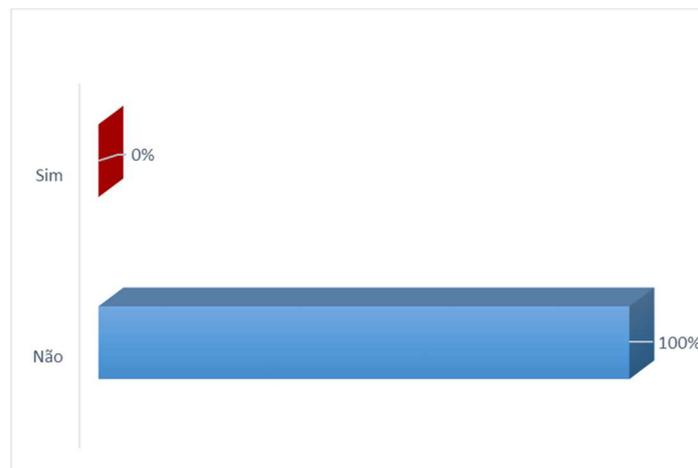


Gráfico 8: Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo?
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

O gráfico 9, como complementar ao gráfico 7, por fim, apresenta que em 36,36% dos 8% dos enfermeiros que tiveram, no curso de graduação, a oferta da disciplina de Língua Brasileira de Sinais, mesmo como optativa, acharam mais fácil a comunicação com o paciente surdo, devido ao conhecimento, mesmo breve e básico, acerca da significação de alguns gestos.

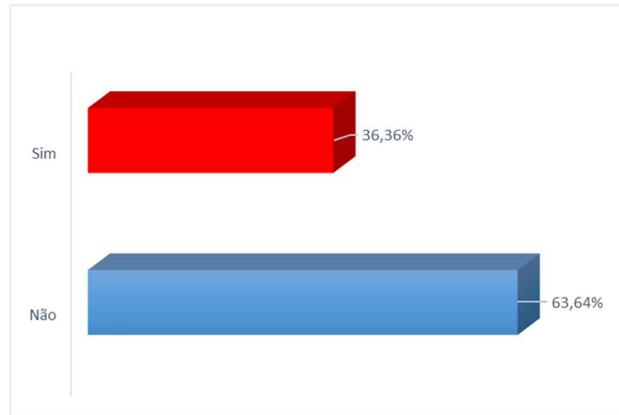


Gráfico 9: O curso ou disciplina acerca de LIBRAS promoveu o conhecimento adequado para a comunicação?
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

O estudo de LIBRAS já vem sendo implementado desde o momento que foi reconhecido uma segunda língua brasileira, integrando-se, inclusive, na educação e em ações destinadas a pessoas surdas. Isso prova o quanto o conhecimento de LIBRAS é importante, principalmente para os profissionais de enfermagem que tem que interagir com o paciente (PAGLIUCA, FIUZA, REBOUCAS, 2007).

A integração de LIBRAS no meio acadêmico foi realizada através de emendas e leis que possibilitaram a inclusão de pessoas surdas, assim como as pessoas com as mais variadas deficiências, desde as físicas, motoras e cognitivas, ampliando a forma de ensinar e aprender, incluindo a todos de maneira significativa no processo social de comunicação, apesar das limitações de cada um.

A aprendizagem da Língua de Sinais na formação acadêmica e para os profissionais de saúde melhora a interação com o surdo na atuação do trabalho, já que esses profissionais, especificamente, trabalham diretamente com a população em geral (OLIVEIRA, et al, 2012). Uma das dificuldades encontradas na abordagem a um paciente surdo está relacionada na transmissão das informações, a falta de profissionais treinados e capacitados em LIBRAS para viabilizar a comunicação com o surdo, pode levar a diagnósticos errados. Dessa maneira, a consulta de enfermagem com um paciente surdo torna-se um desafio tanto para o profissional quanto para o paciente, pois a falta de diálogo e interação não permite uma abordagem satisfatória. Sendo assim, os profissionais necessitam de abordagens diferenciadas para tentar entender e atender o paciente surdo, além de buscar o conhecimento acerca de LIBRAS, que é a língua oficial utilizada pelos surdos (MAGRINI, DOS SANTOS, 2014).

5.2 Análise qualitativa

Neste tópico são descritas as categorias originadas a partir das falas dos profissionais Enfermeiros dando origem à Análise de Conteúdo de Bardin. Tais categorias foram construídas a partir das expressões que tiveram maior frequência durante as respostas, com o intuito de responder como se dá a comunicação entre profissionais enfermeiros e pacientes surdos e quais os aspectos que dificultam essa comunicação? Por motivos éticos, os participantes da pesquisa foram identificados de Enfermeiro 1 à Enfermeiro 26, assegurando o sigilo total do seu anonimato.

A Análise de Conteúdo gerou três categorias denominadas: O conhecimento acerca de LIBRAS pelos enfermeiros, a segunda categoria denominou-se de Dificuldades de comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos, e, por fim, a terceira categoria Possibilidades de comunicação entre Enfermeiros e pacientes surdos.

5.2.1 O conhecimento acerca de LIBRAS pelos enfermeiros.

A comunicação é uma ferramenta muito importante quando se quer transmitir uma mensagem, desde que o receptor tenha as mesmas características para receber a mensagem com eficiência, podendo ocorrer de duas maneiras, a verbal, onde se emite sons em forma de palavras e a não verbal onde as palavras são transmitidas por gestos que significam símbolos, onde se formam palavras. (SCHELLES, 2008, apud OLIVEIRA, CELINO, COSTA, 2014).

Devido a dificuldade de comunicação do surdo relacionado a sua condição auditiva se torna um empecilho quando se trata de dialogar com uma pessoa ouvinte. De maneira que nos leva a refletir acerca do tratamento oferecido aos surdos pelos profissionais de saúde de saúde já que a falta de comunicação íntegra e/ou completa não seja possível (MAGRINI, SANTOS, 2014). A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS foi reconhecida a partir de normas e leis, como a lei nº10.436/2002 e a nº 5.626/2005 que torna LIBRAS uma forma de expressão e comunicação de pessoas surda, ou seja, é uma forma de inclusão (BRASIL, 2002; BRASIL, 2005; ALVES, PEIXOTO, LIPPE 2013).

Como está descrito pelo participante da pesquisa, que relata importância do conhecimento de LIBRAS, mesmo que seja parcialmente.

“Sim, como trabalhamos com um grupo diferenciado de pessoas, a qualquer momento podemos nos deparar pcte surdo e é de fundamental importância

estabelecemos uma comunicação adequada com ele para que possamos entender suas queixas e patologia e colar resolutividade ao seu problema de saúde” (Enfermeiro 6).

A consulta de enfermagem é um serviço exclusivo do enfermeiro, possibilitando a busca por achados e queixas do paciente, onde através dos dados coletados, em um contato primário, para se realizar um bom plano de cuidado que possibilite a melhora do paciente (ARAÚJO et al, 2015). A língua usada pela pessoa ouvinte é o som e pela pessoa surda é a LIBRAS, não se pode considerar que essas duas maneiras de comunicação são iguais, são apenas canais diferentes, transmitindo uma mensagem que pode ou não ser recebida de forma clara e sucinta, desde que o receptor tenha a capacidade de entender as características da mensagem, seja de ouvinte para um surdo ou de um surdo para um ouvinte, sendo que os dois tenham conhecimento da língua um do outro. Devido a dificuldade encontrada na comunicação com o paciente surdo houve a criação de LIBRAS (PAGLIUCA, FIÚZA, REBOUÇAS, 2007)

“Sim! É importante ressaltar que o conhecimento a qualidade da assistência prestada ao paciente surdo, para facilitar o entendimento nos sinais e compreender todas as importações passada pelo paciente surdo e também a qualidade da assistência de enfermagem prestado ao paciente surdo” (Enfermeiro 7).

A Língua Brasileira de Sinais é uma forma de comunicação, gesto-visual, usada pela pessoa com algum nível de dificuldade auditiva. Essa língua possibilita uma melhor interação social, cultural e intelectual por parte dos surdos, mostrando novas maneiras de inclusão e conhecimento. Dessa maneira, faz-se necessário a utilização de LIBRAS nas instituições de ensino, para que o surdo possa ter um contato com professores e alunos, o que mostra que através dessas intervenções o uso de LIBRAS está cada vez mais comum no Brasil como um meio de comunicação. Sendo assim, é importante mencionar que o enfermeiro necessita dialogar com o paciente e, conseqüentemente, saber se comunicar de maneira efetiva com pacientes surdos (SILVA, BAÇOS, FENANDES, 2013).

Sim, é uma “nova” forma de comunicação diferenciada, pois irá promover um “canal” de comunicação entre pessoas portadoras de “deficiência” SURDO/MUDO uma melhor qualidade de comunicação e uma melhor resposta no tratamento e conseqüentemente uma interação fidedigna (Enfermeiro 4).

Assim como qualquer outro serviço de saúde o enfermeiro tem que ter uma boa relação com todo e qualquer tipo de paciente inclusive com paciente que tenha alguma dificuldade

auditiva que acaba por necessitar uma abordagem diferenciada o que leva o profissional a procurar meios de atendê-lo de forma mais cuidadosa com esse tipo de paciente em especial (AGUAR, MARCUCCI, 2009).

5.2.2 Dificuldades de comunicação entre o enfermeiros e pacientes surdos.

Nesta categoria iremos entender quais são as dificuldades encontradas pelos enfermeiros em seu ambiente de trabalho, quando o profissional não sabe ou não entende de forma sucinta a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

A audição faz parte do sentido humano onde é sentido os sons transmitidos, de maneira que, no caso dos deficientes auditivos, essa transmissão de som é quase zero ou não se ouve nenhum tipo de som, isso dependerá do nível de surdez (BRITTO, SAMPERIZ, 2010). Uma pessoa que tenha alguma dificuldade auditiva, quando procura algum tipo de serviço de saúde a primeira barreira encontrada por ele é a comunicação, entre ele e o profissional de maneira que não se tem uma comunicação que o leve a entender o que se está passando ou o que ele quer transmitir para a equipe de enfermagem (SILVA, BASSO, FERNANDES, 2013).

“A principal dificuldade que vejo é em relação a compreensão por parte do interlocutor, uma vez que o surdo tem mais facilidade de comunicação, em relação a leitura labial, gesticulação, expressões corporais e LIBRAS” (Enfermeiro 8).

No serviço de saúde deve-se ter uma melhor interação com o paciente surdo de maneira que haja uma comunicação adequada, tendo como principal ação a inclusão do surdo, como um cidadão comum, onde não são vistos apenas pela sua condição ou dificuldade auditiva, mas sim como uma pessoa normal que necessita dos cuidados de saúde como qualquer outra pessoa (CHAVEIRO et al, 2010).

“Dificuldade de comunicação. Falta de interpretação de mensagem, de ambas as partes, transmissor e receptor. Impossibilitando assim a comunicação” (Enfermeiro 26).

A surdez é uma condição que dificulta a conversação oral com um ouvinte, onde se busca maneiras para conseguir interagir com o indivíduo, buscando maneiras de comunicação, seja pelo familiar, por gestor que indique a possível mensagem ou tentar entender o que o surdo está tentando transmitir. Para tanto, a consulta do profissional de saúde necessita indicar e

entender o que o paciente precisa ou o que ele está tentando transmitir para o profissional de saúde. Portanto, buscar novas maneiras ou métodos de comunicar-se com o paciente que viabilise o seu uso ao serviço de saúde para pacientes surdos mais humanizados (NASCIMENTO, OLIVEIRA, KESSLER, 2015).

“Devemos evitar suposições baseadas em mímicas, ou seja, se o paciente surdo tem queixas de dor, precisamos ter certeza do local, intensidade, duração, posturas que aliviem, etc. um bom atendimento e evolução necessitam de que alguém capacitado em libras acompanhante” (Enfermeiro 19).

Ser uma pessoa surda em um ambiente dominado por pessoas ouvintes necessita de condições que gerem uma comunicação íntegra e completa, para isso é necessário que se abra uma oportunidade que os leve a uma comunicação sem tantas dificuldades. Uma pessoa surda em meio aos ouvintes procura interação e aceitação, para que se sinta parte integrante de uma vivência em sociedade (SILVA, NEMBRI, 2012).

5.2.3 - Possibilidades de comunicação entre Enfermeiros e pacientes surdos.

Já se sabe que a comunicação é algo muito importante para se ter um diálogo completo com o próximo, mas, também se sabe que para uma pessoa que tem algum nível de surdez o que acaba por dificultar a mensagem a ser transmitida ou na mensagem a ser recebida, porém, não significa dizer que a comunicação entre um ouvinte e um surdo não seja possível.

Dessa forma quando se adota estratégias de comunicação que possibilite uma melhor assistência ao surdo. Pois durante uma consulta com o profissional de saúde é necessário que haja a transmissão adequada como o diagnóstico e o tratamento de maneira que seja compreendido pelo paciente surdo (NASCIMENTO, OLIVEIRA, KESSLER, 2015).

“(…) Deveriam implementar nas faculdades esse curso e realizar educação continuada nos serviços, possibilitando assim, a comunicação com o pcte” (Enfermeiro 6)

As pessoas viam os surdos como uma pessoa com problemas mentais ou mentalmente incapazes de se expressar, mas, com o passar dos anos essa ideia de preconceito contra a pessoa surda mudou e a partir disso possibilitou a criação da língua de sinais dessa maneira abriu portas para o surdo ter acesso a expressar suas ideias, suas emoções e sua cultura. O que facilitar a

consulta de enfermagem, se o profissional tiver o conhecimento de LIBRAS (CÔRREA, et al., 2010).

“(…) quanto as possibilidades, vejo que seria importante para possibilidade aos profissionais da saúde ter acesso ao curso de LIBRAS.”(Enfermeiro 8)

Para há enfermagem, o uso da lingua de sinais, não só facilitaria o conhecimento e a compreenssão da mensagem transmitida como também ajudaria na consulta de enfermagem, o que deixaria o profissional e o usuário do serviço de saúde com mais confiança para transmitir e receber mensagens para realizar um atendimento efetivo (CÔRREA et al., 2010).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa demonstramos as informações obtidas durante o decorrer desse estudo sobre a comunicação entre o profissional de enfermagem e um paciente surdo no âmbito da consulta de enfermagem, relacionados com os objetivos do estudo. Pode-se perceber quais foram as dificuldades, possibilidades e o nível de conhecimento acerca de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Como descrito nas entrevistas, os enfermeiros do Hospital Regional Tarcisio Vasconcelos Maia-HRTM, mostrou-se que a Hipótese 0 foi validada, pois, segundo os enfermeiros, a comunicação com uma paciente surdo torna-se impossível sem o conhecimento da LIBRAS, devido a falta de profissionais de saúde capacitados na língua natural da comunidade surda, mostrou-se, também, que para se ter uma comunicação adequada com um paciente surdo, o enfermeiro necessita de um intérprete, seja através de um familiar ou intérprete qualificado.

Ao verificar as falas e resposta dos enfermeiros, percebemos que os profissionais de saúde já tiveram contato com paciente surdo e na maioria dos atendimentos, os enfermeiros necessitaram do auxílio da família do paciente para entender as queixas e para transmitir a mensagem para o indivíduo surdo. Os enfermeiros enfatizaram que a principal dificuldade é a comunicação adequada e em contraproposta enfatizaram que os enfermeiros precisam de uma disciplina e/ou especialização em LIBRAS, ainda na graduação, e quem não teve acesso a esse conhecimento durante a formação sente grande dificuldade quanto a receber e transmitir informações aos surdos, conseqüentemente, o atendimento não é satisfatório.

Os enfermeiros entrevistados mencionaram, também, que LIBRAS é de extrema importância para realizar uma consulta de enfermagem adequada com o paciente, sem auxílio de terceiros para efetuar a comunicação.

Os contratemplos encontrados pela pesquisadora foram, principalmente, quanto a dificuldade de abordar os enfermeiros para efetuar a entrevista, devido a ocupação em seu ambiente de trabalho e, em alguns casos, a recusa de participar do estudo, sobretudo nos setores fechados, havendo um desfalque no número da amostra, reduzindo o número de amostragem, além daqueles que estavam de gozando de férias, de atestado ou que já haviam se aposentado, influenciando também na redução da amostra.

Com relação aos resultados e a experiência dessa pesquisa, pode-se perceber que ainda é necessário que os profissionais de saúde procurem desenvolver o conhecimento quanto a LIBRAS, de maneira que incluam os surdos na competência da consulta de enfermagem. Os

cursos de graduação, atualmente, ofertam a disciplina de LIBRAS como optativa ou já inclusa na grade curricular de disciplinas obrigatórias e os acadêmicos de enfermagem, já que anteriormente não havia essa possibilidade, devem dar a devida importância, a fim de, no futuro, poder dialogar com os pacientes surdos e ofertar uma assistência de qualidade, transformando a consulta de enfermagem em mais segura para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e homossexuais: a (des) cobertade trajetórias silenciadas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 607-620, 2015. Disponível em: < <http://goo.gl/L7K09x>> Acessado em: 05 Mar. 2016.
- ABREU, Pedro Ângelo Almeida. **Projeto pedagógico do curso de graduação em enfermagem**. Outubro, 2011. Disponível em: < <http://goo.gl/i17LYs> >. Acessado em: 03 Mar. 2016
- AGUIAR, Fernanda Silva; MARCUCCI, Rosa Maria Bruno. Uso da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) na comunicação enfermeiro-paciente portador de deficiência auditiva. **Rev. Enferm UNISA**, v.10, n.2, p.144-148, 2009. Disponível em: < <http://goo.gl/i17LYs> >. Acessado em: 28 Fev. 2016
- ANDRADE, Maria Margarete de. **Introdução a Metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- ARAÚJO, Camila Crisse Justino de. **Consulta de enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual**. 2013. Disponível em:< <http://goo.gl/v43vL8> >. Acessado em: 15 Maio 2016.
- ARAÚJO, Camila Crisse Justino de et al. Consulta de Enfermagem às pessoas surdas: uma análise contextual. **ABCS Health Sciences**, v. 40, n. 1, 2015.
- BRITTO, F. R.; SAMPERIZ, M. M. F. Dificuldades de comunicação e estratégias utilizadas pelos enfermeiros e sua equipe na assistência ao deficiente auditivo. **Einstein, São Paulo**, v. 8, n. 1, p. 80-85, 2010.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem**. Brasília [200-]. Disponível em:< <http://goo.gl/6lsYvn> >. Acessado em: 12 Abr. 2016.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução CNS 466/2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 de dezembro de 2012. Seção 1, p. 1.
- BRASIL. Casa Civil. Decreto Nº 5.626, De 22 de Dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília, 22 dez. 2005.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Brasília, 24 abr. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração De Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília, [199-?].
- BRASIL. Ministério Da Educação. **Dificuldades De Comunicação E Sinalização – Surdez**. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização surdez**. Brasília, 2006.

CARVALHO, Rosana Passos Quitério de. O Surdo E O Mercado De Trabalho: Conquistas E Desafios. **Caleidoscópio**, v. 1, n. 4, p. 105-111, 2014.

CAVALCANTI, Ademilson Vedovato. A inclusão do aluno surdo em escolas regulares. **Revista Catarse**, v. 1, n. 2, p. 281-293, 2014.

CHAVEIRO, Neuma et al. Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. **Cogitare Enferm**, v. 15, n. 4, p. 639-45, 2010

CHIH, Chung Ting. **Um Pouco Da História Da Língua De Sinais No Mundo e No Brasil**. 6 Ago. 2013. Disponível em: <<https://diversidadeemcomunicar.wordpress.com/2013/08/06/um-pouco-da-historia-da-lingua-de-sinais-no-mundo-e-no-brasil/>>. Acessado em: 29 fev. 2016.

COSTA, Angélica. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Mariana Ferreira Marques. **Análise da Utilização da Atenção Primária à Saúde pelo usuário Surdo sob a perspectiva do profissional de enfermagem**: Estudo descritivo nas unidades de saúde da Ceilândia – DF. 2013 – 56f. Monografia (Bacharel em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa**: Escolhendo entre cinco abordagem. 3. ed. Porto Alegre: penso, 2014.

CHAVEIRO, Neuma et al. Qualidade de vida dos surdos que se comunicam pela língua de sinais: revisão integrativa. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 48, p. 101-114, 2014.

CÔRREA, Carolina da Silva et al. O despertar do enfermeiro em relação ao paciente portador de deficiência auditiva. **Rev. pesqui. cuid. fundam.(Online)**, v. 2, n. 2, p. 758-769, 2010.

DANTAS, Thayana Rose de Araújo et al. Comunicação entre a equipe de enfermagem e pessoas com deficiência auditiva. **Rev Enferm UERJ**, v. 22, n. 2, p. 169-74, 2014.

DAROQUE, Samantha Camargo; PADILHA, A. M. L. Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária. **Comunicações**, v. 19, n. 2, p. 23-32, 2012. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/03062013_143934_samantha.pdf>. Acessado em: 13 Abr 2016.

DE ENFERMAGEM, Conselho Federal. Resolução Cofen n. 311/2007. **Aprova a reformulação do código de ética dos profissionais de enfermagem**. Brasília (DF): Cofen, 2007.

FERNANDES, Eulalia. **Surdez e Bilinguismo**. 7. ed. Mediação. Porto Alegre, 2015.

FERREIRA, Dayana Roberta da Conceição; HOLANDA, Manuelle de Araújo; LINHARES, Francisca Márcia Pereira. **A comunicação com o paciente surdo**: um desafio para a Enfermagem, [200-].

FLORES, Vinicius Martins; FINGER, Ingrid. Proposta de questionário de histórico de linguagem e autoavaliação de proficiência para professores ouvintes bilíngues libras/língua portuguesa. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 17, n. 2, p. 278-301, 2014.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e Preconceito em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O Papel do Outro na Escrita de Sujeitos Surdos**. São Paulo: plexus, 2007. Disponível em: < <https://goo.gl/zHHgIQ>>. Acesso em: 08 mar. 16

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**, elaborado no Instituto Antônio H. de Lexicografia de Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3ª ed. rev. E aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

KELMAN, Celeste Azulay et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. **Linhas Críticas**, v. 17, n. 33, p. 349-366, 2011.

KOCK, Ingedore Villaço. **A Inter-ação Pela Linguagem**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

LAMOGLIA, Aliny. Surdez e Direitos Humanos—o que diz o Relatório Mundial sobre deficiência da Organização Mundial da Saúde. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, v. 3, n. 04, 2015.

LIANZA, Affonso Vieira. a importância da libras no ensino superior. **Revista Compartilhando Saberes**, n. 2, p. 04-16, 2015.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto n. 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013.

MAGRINI, Amanda Monteiro; DOS SANTOS, Teresa Maria Momensohn. Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema?. **Distúrbios da Comunicação. ISSN 2176-2724**, v. 26, n. 3, 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/BJ4NSr>>. Acessado em: 28 maio 2016.

MOORE, Keith L.; PERSAUD, T.V.N. **Embriologia Básica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MAGRINI, Amanda Monteiro; DOS SANTOS, Teresa Maria Momensohn. Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema?. **Distúrbios da Comunicação**. ISSN 2176-2724, v. 26, n. 3, 2014.

NASCIMENTO, Gicélia Barreto; FORTES, Luciana de Oliveira; KESSLER, Themis Maria. Estratégias de comunicação como dispositivo para o atendimento humanizado em saúde da pessoa surda. **Saúde (Santa Maria)**, v. 41, n. 2, p. 241-250, 2015.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de et al . A língua brasileira de sinais na formação dos profissionais de enfermagem, fisioterapia e odontologia no estado da Paraíba, Brasil. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 16, n. 43, p. 995-1008, Dec. 2012 .

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag; FIÚZA, Nara Lígia Gregório; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. 3, p. 411-418, 2007.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. **Preconceito contra a libras**: o que relatam discentes surdos usuários de língua de sinais, [20--?].

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

RODRIGUES, Evelina Daniela Teixeira. **Evolução da linguagem**: estudo comparativo dos gestos em chimpanzés infantis e em crianças na fase pré-verbal. 2014

ROSENFELD, Ethel. **Helen Keller**. Disponível em:
<<http://www.ethelrosenfeld.com.br/personalidades4-hellenkeller.htm#R2R>>. Acesso em: 29 fev. 2016

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da Linguagem**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975

SCHEMBERG, Simone; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle. O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas. **Rev. bras. educ. espec**, v. 18, n. 1, p. 17-32, 2012.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola?. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 20, n. 1, p. 33-44, Apr. 2016

SILVA, Maria Júlia Paes da. Comunicação Tem Remédio: A Comunicação nas Relações Interpessoais em Saúde. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SILVA, Paulo Sergio da; BASSO, Neusa Aparecida de Sousa; FERNANDES, Sônia Regina Chaves Martines. A Enfermagem e a Utilização da Língua Brasileira de Sinais no Atendimento ao Deficiente Auditivo, 2013.

TRECOSSI, Micheli Oliveira; ORTIGARA, Elisangela Panosso de Freitas. Importância e eficácia das consultas de enfermagem ao paciente surdo. **Revista de Enfermagem**, v. 9, n. 9, p. 60-69, 2014.

WEIRICH, Mayara Tonett Galiassi Scheid. A obrigatoriedade do ensino de libras–língua brasileira de sinais–nas instituições públicas de ensino superior como forma de inclusão social e perspectiva do discente do curso de enfermagem da UFMT–campus de SINOP/MT. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 6, n. 12, 2013.

ZIESMANN, Cleusa Ines; LEPKE, Sonize. Libras no ensino superior. **Salão do Conhecimento**, v. 2, n. 01, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) senhor(a): _____

Eu, Nielly dos Santos Nunes, pesquisadora e estudante do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN, junto a docente e pesquisadora responsável Ms. Laura Amélia Fernandes Barreto, estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada A Comunicação Entre um Profissional de Enfermagem e um Paciente Surdo. Tem-se como objetivo geral avaliar a comunicação entre um enfermeiro e um paciente surdo. E como objetivos específicos averiguar a formação acadêmica do enfermeiro quanto a LIBRAS; identificar a importância do conhecimento da Língua de Sinais pelos enfermeiros; investigar dificuldades e possibilidades de comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos, e quais os entraves entre a comunicação dos enfermeiros e pacientes surdos e Investigar as possibilidades de comunicação entre enfermeiros e pacientes surdos.

O presente trabalho propõe-se a mostrar as principais dificuldades de comunicação entre os enfermeiros e pacientes surdos, além de abordar as formas encontradas por esses profissionais para conseguir transmitir a mensagem desejada ou se possui – ou possuíram - algum contato com a língua natural dos surdos, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Essa pesquisa justifica-se, também, pela necessidade de comunicação do ser humano, independente dos obstáculos que possam surgir, de maneira que encontra novas formas de interação e comunicação, não só pela evolução tecnológica, mas principalmente pela intenção de interação com o outro. Dessa maneira, é importante que o enfermeiro entenda a mensagem transmitida pelo paciente, independente das circunstâncias. Nesse caso, o paciente surdo, por não usar a linguagem verbal e, por vezes, não entendê-la necessita de abordagens de comunicação diferenciadas para que haja o cuidado adequado. Dessa forma, procuramos entender como se dá a comunicação entre o paciente surdo e um enfermeiro, tanto no que se refere as possibilidades quanto as dificuldades. O tema foi escolhido com base na experiência vivenciada em campo de estágio, então houve a curiosidade de saber como um enfermeiro que tem uma experiência profissional maior do que a de um acadêmico em campo de estágio, lida com a comunicação com um paciente surdo.

Convidamos o(a) senhor(a) a participar desta pesquisa respondendo algumas perguntas a respeito A Comunicação Entre um Profissional de Enfermagem e um Paciente Surdo. Por ocasião da publicação dos resultados o nome do(a) senhor(a) será mantido em sigilo. Informamos que será garantido seu anonimato, bem como assegurada sua privacidade e o direito de autonomia referente

à liberdade de participar ou não da pesquisa. Terá também o direito de desistir da mesma e que não será efetuada nenhuma forma de gratificação da sua participação.

Informamos ainda que o referido estudo poderá apresentar risco de caráter mínimo, como constrangimento ao responder os questionamentos, porém, os benefícios superam os malefícios. A contribuição que os enfermeiros concederão para o estudo será de grande valia, visto que a comunicação entre enfermeiro e paciente é determinante para um bom atendimento tanto das queixas quanto do tratamento. Sendo assim, essa pesquisa contribuirá nos quesitos relacionados à comunicação com os pacienteS surdos, a fim de manter uma interação adequada e satisfatória.

A participação do(a) senhor(a) na pesquisa é voluntária e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer as informações solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir da mesma, não sofrerá nenhum dano ao participante. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, agradecemos a contribuição do(a) senhor(a), agradecemos a contribuição do(a) a realização desta pesquisa.

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, a justificativa, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar da mesma. Declaro também que a pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento rubricada a primeira página e assinada a última por mim e pela pesquisadora responsável em duas vias, de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(a) pesquisadora responsável.

Mossoró/RN, _____ de _____ de 2016

Me. Laura Amélia Fernandes Barreto¹
(Pesquisador Responsável)

Participante da Pesquis

¹ Endereço residencial da pesquisadora responsável: Rua Nicássia Oliveira, 21, Abolição III. CEP: 59.612-820
Fone: (84) 9 8814-8421. E-mail: laurabarreto@facenemossoro.com.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/0562725197602978>.
Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Frei Galvão, 12 – Bairro Gramame – João Pessoa/Paraíba – Brasil. CEP: 58.067-695 – Fone: +55 (83) 2106-4790. E-mail: cep@facene.com.br

APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Dados Quantitativos e Qualitativo

1. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DA AMOSTRA:

Questionário número: _____

1.1 Idade: _____

1.2 Gênero: () Feminino () Masculino

1.3 A quanto tempo você atua como Enfermeiro (a)? () Há menos de um ano () entre uma e dez anos () há mais de dez anos.

1.4 Setor em que trabalha atualmente? _____

1.5 A quanto tempo atua no HRTM?

MARQUE SIM OU NÃO NAS ALTERNATIVAS ABAIXO:

QUESTÕES		
1. Já fez algum curso de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS?	() SIM	() NÃO
2. Já atendeu algum paciente surdo?	() SIM	() NÃO
3. Precisou de intérprete ou de suporte de algum familiar/conhecido acompanhante para comunicar-se?	() SIM	() NÃO
4. Você acredita que o paciente compreendeu todo o procedimento ao qual seria submetido?	() SIM	() NÃO
5. Você conseguiu compreender as informações passadas pelo paciente surdo com sucesso?	() SIM	() NÃO
6. Nesse momento, você conseguiria atender um paciente surdo sem auxílio de intérprete/conhecido acompanhante?	() SIM	() NÃO
7. Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como optativa?	() SIM	() NÃO
8. Em sua graduação era ofertada a disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo?	() SIM	() NÃO
9. O curso ou disciplina acerca de LIBRAS promoveu o conhecimento adequado para a comunicação?	() SIM	() NÃO

Dados da Pesquisa com questões adaptadas de Costa (2013)

10. O conhecimento acerca de LIBRAS é importante para o profissional de Enfermagem? Por quê?

11. Quais as principais dificuldades e possibilidades encontradas na conversação com um paciente surdo?

ANEXOS

ANEXO A – Certidão



Escola de Enfermagem Nova Esperança Ltda.
 Mantenedora da Escola Técnica de Enfermagem Nova Esperança – CEM, da
 Faculdade de Enfermagem Nova Esperança, - FACENE, da
 Faculdade de Medicina Nova Esperança – FAMENE e da
 Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

CERTIDÃO

Com base na Resolução CNS 466/2012 que regulamenta a ética da pesquisa em Seres Humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Nova Esperança, em sua 4ª Reunião Extraordinária realizada em 31 de agosto de 2016 após análise do parecer do relator, resolveu considerar, APROVADO, o projeto de pesquisa intitulado "**A COMUNICAÇÃO ENTRE UM ENFERMEIRO E UM PACIENTE SURDO**", Protocolo CEP: 93/2016 e CAAE: **58686416.0.0000.5179**. Pesquisadora Responsável: **LAURA AMÉLIA FERNANDES BARRETO** e das Pesquisadoras Associadas: **KALYANE KELLY DUARTE DE OLIVEIRA E NIELLY DOS SANTOS NUNES**.

Esta certidão não tem validade para fins de publicação do trabalho, certidão para este fim será emitida após apresentação do relatório final de conclusão da pesquisa, com previsão em 30/12/2016, nos termos das atribuições conferidas ao CEP pela Resolução já citada.

João Pessoa, 26 de Setembro de 2016

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'RR Marques'.

Rosa Rita da Conceição Marques
 Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FACENE/FAMENE